

## PROJETAR A ANARQUIA: UM ESTUDO DE CASO DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA ANARQUISTA DE PORTO ALEGRE

GABRIEL MOMESSO GRILLO.<sup>1</sup>; CÍNTIA LANGE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEl- gabrielmomessogrillo@tutanota.com

<sup>2</sup>UFPEl - cintialangie@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e contextualizar a segunda edição do Festival Internacional de Cinema Anarquista de Porto Alegre, ocorrida nos dias 20, 21 e 22 de setembro de 2024. A partir dessa contextualização, será feita uma análise do festival e de como ele se situa na relação histórica do anarquismo com o cinema e o audiovisual. Aspectos de interesse para essa análise incluem a organização, a curadoria, a relação com o espaço e a presença no festival de cinema de outras artes não audiovisuais. Para ajudar a situar o festival, são tomadas como referências as classificações elaboradas por Tetê Mattos, e a literatura histórica sobre o tema produzida por Chris Robé e Richard Porton.

Em se tratando de uma produção sobre anarquismo, cabe aqui uma breve descrição do termo para fins deste trabalho. O anarquismo é um movimento político e filosófico amplo, mas que em linhas gerais pode ser caracterizado por uma crítica à dominação e à hierarquia, e uma defesa da autogestão (CORRÊA, 2022, p.104). Surge como a ala mais radical do movimento socialista no século XIX, se distinguindo de outras vertentes, como o marxismo, pela rejeição ao uso do poder do Estado. O anarquismo nasceu no movimento operário, mas nunca se restringiu a ele, e se fez presente também nos movimentos feminista, anticolonial, *queer*, entre outros. Além disso, manteve também uma atuação (contra-)cultural desde seu surgimento, e foi uma força animadora de movimentos artísticos que vão desde o dadaísmo e surrealismo à música punk.

A relação do anarquismo com o cinema tem seus primeiros precedentes na década de 1910, nomeadamente com a cooperativa *Cinéma du People*, e tem na guerra civil espanhola um episódio marcante, quando a *Confederación Nacional del Trabajo*, anarcossindicalista, coletivizou a maior parte da indústria cinematográfica da Espanha (PORTON, 2020, p.76). Segundo o anarquista Pietro Ferrua, o primeiro festival de cinema anarquista ocorreu em Copenhague em 1979, seguido no mesmo ano por outro nos Estados Unidos (FERRUA, 2009). É lá que a maioria dos festivais desse tipo têm se concentrado historicamente, embora hajam iniciativas em todos os continentes. O Festival Internacional de Cinema Anarquista de Porto Alegre se situa no contexto de outros festivais “irmãos” que surgem mais recentemente na América Latina, sendo influenciado diretamente pelo Festival de Cinema Anarquista de Buenos Aires.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa toma a forma de um estudo de caso, seguindo Duarte (2015) e Yin (2001), com um caráter exploratório. Existe pouco material escrito sobre o encontro entre anarquismo e cinema, e dentro deste material as áreas de exibição e difusão recebem muito menos foco que a produção. Além disso, esse material

hegemonicamente trata dos Estados Unidos ou da Europa ocidental. Por isso, se faz necessário um estudo sobre os festivais de cinema anarquistas na América Latina que tenha um caráter exploratório e seja capaz de observar e descrever os fatos e localizá-los historicamente.

A coleta de dados ocorreu com uma diversidade de técnicas, primariamente a participação observante nos três dias do evento e uma entrevista realizada por e-mail com a principal organizadora do festival. Também foi realizada análise documental de produções auxiliares relacionadas ao festival (cartazes, textos em mídias sociais, etc). A análise dos dados busca, principalmente, localizar o festival no contexto histórico tanto dos festivais de cinema brasileiros, quanto da exibição e difusão anarquista de cinema e vídeo mundialmente.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Festival Internacional de Cinema Anarquista de Porto Alegre surgiu em colaboração direta com o Festival de Cinema Anarquista de Buenos Aires. Na primeira edição do festival em Porto Alegre, organizadores do festival argentino ajudaram em sua estruturação, divulgação, financiamento e compartilhando experiência. Os festivais de Porto Alegre e Buenos Aires são parte de uma rede informal de festivais que ocorrem na América Latina, com instâncias na Colômbia, Chile, México, Peru e etc. O Festival Internacional de Cinema Anarquista de Porto Alegre também não é a primeira iniciativa de cinema anarquista no Brasil, que conta com alguns festivais voltados à exibição e difusão libertária. Dentre esses, o Festival do Filme Anarquista e Punk de São Paulo é o maior e mais longo.

No esquema proposto por Tetê Mattos para a classificação de festivais de cinema, o Festival Internacional de Cinema Anarquista de Porto Alegre se encaixa rigidamente na categoria de Festival de Política ou Militante (MATTOS, 2013, p.125): É um festival de pequeno porte, engajado com determinada(s) causa(s) e cuja discussão foca principalmente no conteúdo, não na forma, das obras. Nas palavras de Mattos, é mais ligado ao campo da cultura do que da arte.

A isso, deve-se adicionar que a premissa anarquista do festival influenciou também em sua organização. O festival se manteve independente de qualquer instituição ou organização, se construindo de forma autônoma e fazendo parcerias baseadas em relações de solidariedade. O local onde o festival ocorreu, a Ocupação Rexistência (ocupação urbana que surge após as enchentes em maio de 2024) foi cedido com base em uma parceria voluntária e mutualista. Esses princípios também norteiam a colaboração com o Cine Kafuné, projeto de audiovisual afirmativo que, além de ter produzido material incluído na curadoria, também forneceu os equipamentos usados na exibição. Os cartazes de divulgação foram produzidos por apoiadores voluntários, entre eles a editora Edições Insurrectas e o projeto de design radical Aman Posters. Boa parte das legendas e traduções das obras foram feitas em termos semelhantes.

A arrecadação de fundos para a II edição se deu a partir de dois eventos de cinedebate em diferentes localidades. Além disso, foram vendidas camisetas e outros materiais gráficos antes e durante o festival.

Quanto à curadoria, há um texto do festival irmão em Buenos Aires que ilustra bem a atitude presente. Conforme o divulgado, “prevalece o gênero documentário”, consequência do caráter político e propagandístico do evento, mas “no entanto, não podemos nos esquecer da criação pela criação.” Dos seis longas e média-metragens, apenas um era ficção. Grande parte das obras vinha da América Latina (especialmente Chile e México), mas com filmes e vídeos

também da América anglófona, da Europa e do Oriente Médio. Os filmes eram universalmente produções independentes, e os realizadores de alguns deles estavam presentes no festival. A curadoria, desde o começo, não se limitava a obras ligadas ao anarquismo, e incluía obras ligadas a movimentos feministas, anticarcerários, indígenas, etc. Das trinta e seis obras exibidas, apenas metade tratava diretamente do anarquismo ou foi realizada por anarquistas (entre os longas e médias, foram apenas dois).

Outra característica da curadoria foi a variedade de formas audiovisuais. O festival não se limitou apenas a filmes, fossem documentários ou ficção, mas também incluiu videoartes, clipes musicais e fotomontagens. Fora das telas, contou com banquinhas que expunham e vendiam adereços, livros e outros materiais, e no último dia, repetindo o feito na edição do ano anterior, encerrou com uma apresentação musical. Essa atitude segue o teor propagandístico (no sentido político) do festival. Nas palavras da organizadora entrevistada, “Faz sentido colocar videoclipes, por exemplo, porque a música é uma forma de expressão que pode sim servir e disseminar práticas e ideias anarquistas. [...] Essa instância faz com que seja possível unir várias artes contra-culturais em um mesmo espaço.” (Trecho digitalizado da entrevista realizada).

Um dos objetivos do festival foi criar um espaço que “visibiliza lutas de outros territórios e do território que habitamos, [um] espaço de encontro, onde podemos nos sentir livres para expressar o que acreditamos, sem hierarquias”(Trecho digitalizado da entrevista realizada). Nos debates após cada filme, a audiência se sentava em um círculo onde todos podiam se ver, buscando quebrar a divisão entre audiência (passiva) e obra. Os realizadores que estiveram presentes também não recebiam qualquer posição especial nos debates, salvo a curiosidade espontânea do resto dos espectadores. Assim também buscava se romper a hierarquia entre espectador e autor. Nesse ponto, o festival estava em continuidade histórica com as práticas de cinema libertário de outros grupos que buscavam rupturas semelhantes (ROBÉ, 2017, p.96).

Outro ponto de continuidade histórica com em termos do uso do espaço estava na rejeição da sala de exibição como algo externo ao resto da vida cotidiana e, de uma forma bastante direta, a criação de um espaço antipatriarcal (Ibid, p.98). A realização das exposições na sala de espetáculos de uma ocupação que abrigava diversas famílias certamente influenciou nesse aspecto. A audiência contou com participação das moradoras do local, e inclusive de algumas crianças que assistiram as obras e contribuíram com bastante energia nos debates.

#### 4. CONCLUSÕES

O Festival Internacional de Cinema Anarquista de Porto Alegre serve de ilustração para a relação entre o anarquismo e o cinema e, de forma mais ampla, a política radical com a cultura e contracultura. Em sua realização, podemos observar muitos aspectos da busca por um “mundo novo” presentes no pensamento libertário: o internacionalismo e a solidariedade radical na curadoria, a ruptura de hierarquias e divisões sociais rígidas nos espaços, e o apoio mútuo entre organizações e individualidades que compuseram o festival. Além disso, ele se torna um exemplo dos tipos de zona de “anarquia viva” em que se buscam construir relações sociais livres e não-servis.

A literatura sobre esse tipo de festival é escassa e, assim como a literatura sobre o anarquismo em geral, focada quase inteiramente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Porém, os ideais anárquicos nunca se restringiram a essa

pequena fatia do mundo, e estão tão presentes na América Latina quanto em qualquer outro lugar. O que falta é que os olhos se voltem para estes bolsos de resistência autônoma e territorial.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, F. **Bandeira Negra: Rediscutindo o Anarquismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

PORTON, R. **Film and the Anarchist Imagination**. Illinois: University of Illinois Press, 2020.

FERRUA, P. Anarchist Film Festivals. **Arena**, Oakland, v.1, n.1, p. 121-128, 2009.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de Caso. In. DUARTE, J, BARROS, A (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015. 14, p. 215-234.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Boockman, 2001.

MATTOS, T. Festivais pra quê? Um estudo crítico sobre festivais audiovisuais brasileiros. In. BAMBA, M (Org). **A recepção cinematográfica: teoria e estudos de caso**. Salvador: EDUFBA, 2013. p.115-130.

FESTIVAL DE CINEMA ANARQUISTA DE BUENOS AIRES. **[Argentina] O que são os festivais de cinema anarquista?**. Agência de Notícias Anarquistas, 1 maio 2024. Acessado em 8 out. 2024. Online. Disponível em: <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2024/05/01/argentina-o-que-sao-os-festivais-de-cinema-anarquista/>

ROBÉ, C. **Breaking the Spell: A History of Anarchist Filmmakers, Videotape Guerrillas, and Digital Ninjas**. Oakland: PM Press, 2017.